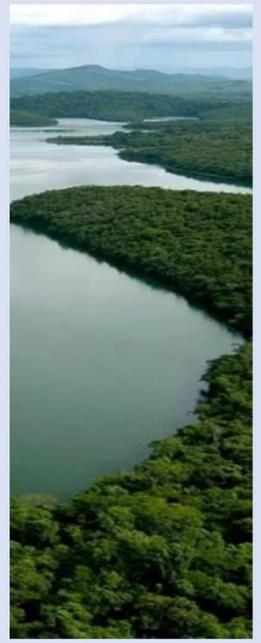
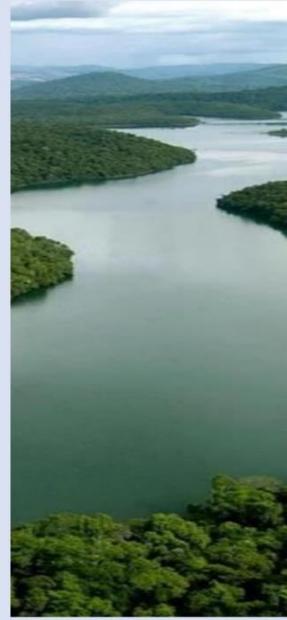
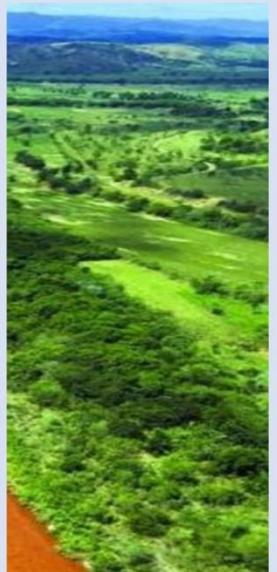


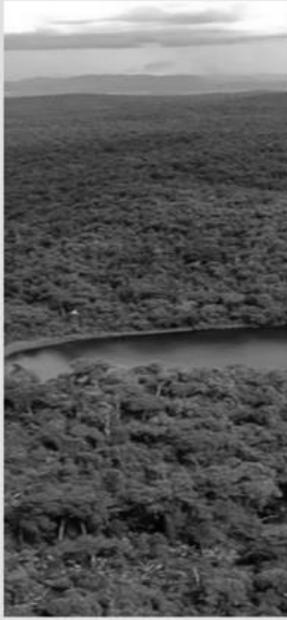
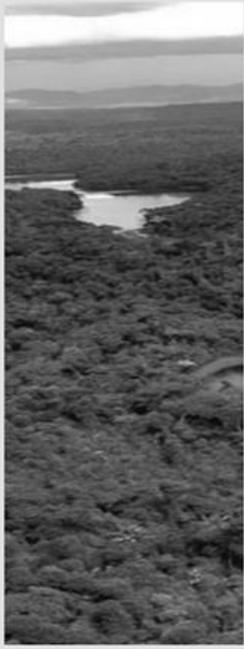
**Wesley Domingos Alves de Oliveira**



# **Modernidade na perspectiva de Ailton Krenak: “O caso de Mariana”**



**Wesley Domingos Alves de Oliveira**



---

# **Modernidade na perspectiva de Ailton Krenak: “O caso de Mariana”**

---



© 2024 – Editora MultiAtual

[www.editoramultiatual.com.br](http://www.editoramultiatual.com.br)

editoramultiatual@gmail.com

**Autor**

Wesley Domingos Alves de Oliveira

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** O autor /MultiAtual

**Revisão:** O autor

**Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Oliveira, Wesley Domingos Alves de  
O48m Modernidade na perspectiva de Ailton Krenak: "O Caso de Mariana"  
/ Wesley Domingos Alves de Oliveira. – Formiga (MG): Editora  
MultiAtual, 2024. 27 p. : il.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-6009-054-5  
DOI: 10.5281/zenodo.10616745

1. Modernidade. 2. Saberes originários. 3. Fim do mundo. 4.  
Tragédia de Mariana. I. Oliveira, Wesley Domingos Alves de. II. Título.

CDD: 613.69  
CDU: 301

*Os conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam  
responsabilidade de seu autor.*

Downloads podem ser feitos com créditos ao autor. São proibidas as modificações e os fins  
comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.editoramultiatual.com.br](http://www.editoramultiatual.com.br)  
[editoramultiatual@gmail.com](mailto:editoramultiatual@gmail.com)  
Formiga - MG  
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
[https://www.editoramultiatual.com.br/2024/02/modernidade-  
na-perspectiva-de-ailton.html](https://www.editoramultiatual.com.br/2024/02/modernidade-na-perspectiva-de-ailton.html)



**MODERNIDADE NA PERSPECTIVA DE AILTON KRENAK:  
“O CASO DE MARIANA”**

**WESLEY DOMINGOS ALVES DE OLIVEIRA**

## RESUMO

Esta pesquisa aborda algumas das principais ideias de Ailton Krenak sobre a modernidade e suas contradições. Para isso, apresentamos a perspectiva indígena deste pensador que questiona os pressupostos e as consequências deste modelo civilizatório hegemônico nos últimos três séculos no ocidente. Para sustentar essa abordagem com elementos empíricos, será lembrada também a tragédia do rompimento da barragem de Fundão em Mariana, que para o olhar moderno significou apenas mais um acidente que contaminou um rio, mas para os *krenak* foi um crime que quase matou o seu avô (*Watu*), que segue em coma. Será colocado ainda em foco a relação que os povos originários tem com a natureza e como seu modo de vida é influenciado por todo o ecossistema que compõe a região que eles vivem, trazendo de modo expositivo essa cosmovisão do povo krenak, e como eles veem o caso das barragens de Mariana e Fundão que serão apresentadas como estudo de caso desse artigo, ressaltando ainda que, esse modo civilizatório que Krenak diz ser algo inventado do “Clube da Modernidade” pra nos alienar e apenas consumir os recursos naturais do planeta sem assumir que isso está matando a “mãe terra” que acabará por nos destruir também afinal somos todos parte de um ecossistema.

**Palavras-chave:** Modernidade. Saberes originários. Fim do mundo. Tragédia de Mariana.

## ABSTRACT

This research addresses some of Ailton Krenak's main ideas about modernity and its contradictions. To this end, we present the indigenous perspective of this thinker who questions the assumptions and consequences of this hegemonic civilizational model in the last three centuries in the West. To support this approach with empirical elements, the tragedy of the collapse of the Fundão dam in Mariana will also be remembered, which for the modern eye meant just another accident that contaminated a river, but for the Krenak it was a crime that almost killed their grandfather (Watu), who remains in a coma. It will also focus on the relationship that the original people have with nature and how their way of life is influenced by the entire ecosystem that makes up the region they live in, bringing in an expository way this worldview of the Krenak people, and how they see the case of the Mariana and Fundão dams that will be presented as a case study of this article, also highlighting that this civilizational mode that Krenak says is something invented by the "Modernity Club" to alienate us and just consume the planet's natural resources without assuming that This is killing "mother earth" which will end up destroying us too after all we are all part of an ecosystem.

**Keywords:** Modernity. Original knowledge. End of the world. Mariana's tragedy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>NO "CLUBE DA HUMANIDADE" SÓ ENTRAM OS MODERNOS</b> .....	<b>12</b>
<b>A HUMANIDADE QUE DESTRÓI A SI MESMA E AO PLANETA EM NOME DO DESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>16</b>
<b>LAMA... GANÂNCIA E DESASTRE!!!</b> .....	<b>19</b>
<b>CONCLUSÃO: UM ANCIÃO EM COMA!!!</b> .....	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>25</b>
<b><i>O autor</i></b> .....	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo ouvimos sempre falar em modernidade, mas o que realmente significa modernidade? Parece certo que, dependendo do lugar de onde se fala, dependendo do grupo ao qual se pertence, os sentidos atribuídos ao que é modernidade variam bastante. Se para muitos essa é a forma mais avançada como a humanidade já habitou este planeta nos últimos 200 mil anos, para outros – humanos e não humanos – a modernidade representou, simplesmente, o fim dos seus mundos.

Ailton Krenak é um desses que viram seu mundo acabar com o avanço do mundo moderno. Uma das lideranças indígenas mais respeitadas no Brasil e no mundo, Krenak é um daqueles que sentiram, na própria pele, a modernidade como uma avalanche de consequências trágicas. E falar em avalanche, aqui, não é em sentido metafórico, mas literal, considerando o caso que será apresentado neste artigo, da enxurrada de lixo tóxico de mineração que tomou conta do Rio Doce após o colapso da barragem de Fundão em Mariana, Minas Gerais, em 2015.

Para compreender a crítica de Ailton Krenak à modernidade, é preciso situá-la em seu contexto histórico e biográfico. Ailton Krenak nasceu em 1953, na Terra Indígena Krenak, localizada às margens do Rio Doce, em Minas Gerais. Ele pertence ao povo Krenak, também conhecido como Botocudo, que foi alvo de violentas políticas de extermínio e assimilação desde o período colonial até o século XX. Ailton Krenak cresceu em um contexto de luta pela sobrevivência e pela demarcação de seu território, que foi invadido por fazendeiros, mineradoras e projetos hidrelétricos. Ele também testemunhou o citado desastre ambiental causado pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, em 5 de novembro 2015, que contaminou o Rio Doce com rejeitos de minério de ferro e afetou profundamente a vida dos Krenak e de outras comunidades ribeirinhas, além da vida de muitas espécies que dependem do rio para viver.

Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, Krenak iniciou sua militância na década de 1970, participando da fundação da União das Nações

Indígenas (UNI). Sua luta foi determinante também para a conquista do “Capítulo dos Índios” na Constituição Federal de 1988. Organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Recentemente foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Ailton Krenak é um dos mais importantes pensadores brasileiros da atualidade, destacando-se por sua crítica contundente à modernidade ocidental, apontando seus efeitos devastadores sobre o planeta e sobre as formas de vida que nele habitam. Da leitura de suas obras, entrevistas e palestras, identificamos que Krenak constrói uma visão alternativa de mundo baseada em três grandes entendimentos: na valorização da diversidade cultural, na conexão com a natureza e na recuperação da memória ancestral dos povos originários.

Nesses três atos, o pensador indígena propõe as bases para uma outra forma coletiva de estar juntos, as bases para um novo modelo de civilização. Com a defesa da diversidade, problematiza o colonialismo que coloca a modernidade ocidental como único modelo válido para a vida humana; com a conexão com a natureza, equilibra o excesso de um antropocentrismo mal centrado em que o humano se desligou dos processos naturais dos quais depende; e ao recuperar as memórias ancestrais dos povos originários, resgata memórias de sobrevivência de quem enfrenta o fim do mundo há cinco séculos mas ainda se mantém vivo, memórias e saberes que podem ser decisivos em um mundo que já sofre os efeitos do aquecimento global.

Nesta pesquisa, portanto, vamos tratar de algumas das principais ideias de Ailton Krenak sobre a modernidade e suas contradições, apresentando uma perspectiva indígena que questiona os pressupostos e as consequências deste modelo civilizatório hegemônico nos últimos três séculos no ocidente. Será lembrada também a tragédia do rompimento da barragem de Fundão em Mariana, que para o olhar moderno foi apenas um acidente que contaminou um rio, mas para os krenak foi um crime que quase matou o seu avô (Watu), que segue em coma.

A partir desse recorte empírico, essa pesquisa se alia, teórica e metodologicamente, a abordagens da história que procuram dar visibilidade a grupos historicamente subalternizados. Busca realizar, como definiu Walter Benjamin em

Modernidade na perspectiva de Ailton Krenak:  
“O caso de Mariana”

1940, uma “história à contrapelo”, construindo uma narrativa na qual aqueles que historicamente foram esquecidos possam ser lembrados e tenham a sua visão de mundo devidamente considerada. Como bem sintetiza o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro:

Ailton Krenak, juntamente com outros intelectuais e ativistas indígenas como Davi Kopenawa e Daniel Munduruku, está escrevendo um capítulo essencial da história do Brasil, aquele que conta o que ele definiu como “a história da descoberta do Brasil pelos índios”: uma contra-história e uma contraantropologia indígenas, cujo objeto é a cultura dominante do Estado-nação que se abateu sobre os povos originários desta parte do mundo. (CASTRO, 2019, p. 75).

## NO “CLUBE DA HUMANIDADE” SÓ ENTRAM OS MODERNOS

Krenak tem um livro de título interessante, “Ideias para adiar o fim do mundo”, publicado em 2019 pela Companhia das Letras, obra que reuniu algumas das suas palestras. O livro logo se tornou um sucesso de vendas no Brasil e está sendo traduzido para o inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. Nessa obra, Krenak aborda alguns dilemas do mundo contemporâneo, escolhas a serem feitas pela nossa geração e pelas seguintes das quais dependem, segundo ele, a continuidade da vida humana e de outras espécies neste planeta.

Em resenha sobre o livro, Antônio Ioris, professor da School of Geography and Planning, na Cardiff University, sustenta que

A temática central é, naturalmente, o risco cada vez mais palpável de autodestruição da vida humana nesse planetinha azul, uma vez que a sociedade globalizada e alienada insiste em seguir parasitando a natureza e explorando a força de trabalho da maioria subalterna. Parece evidente que não é uma boa ideia insistir na dupla exploração sociedade-natureza para manter padrões injustos e suicidas de produção, consumo, desperdício e acumulação de capital. Mas, por ser algo tão óbvio, poucos levam em conta a estupidez generalizada e a possibilidade concreta de, ao fim e ao cabo, irmos todos a ser apenas uma nota de rodapé, um episódio passageiro na história biogeológica da Terra. (IORIS, Resenha: “Ideias para adiar o fim do mundo”, *in Amazônia Latitude*, 17/12/2019).

Ao lado dos sempre celebrados “avanços e conquistas” do modelo moderno em curso nos últimos séculos no ocidente, vemos ganhar forma o menos debatido “risco cada vez mais palpável de autodestruição”. Na base desse modelo moderno está uma visão de mundo que separa a humanidade da natureza, considerando esta e aos outros seres vivos como recursos a serem explorados em nome dos interesses humanos, perspectiva que ignora a interdependência entre todas as formas de vida. No centro dessa cisão, podemos reconhecer a ideia do antropocentrismo, a concepção de que o ser humano é o centro do universo e que tudo o que existe está ali para servi-lo.

O antropocentrismo é uma forma de representar as relações entre a humanidade e o mundo circundante que ganhou força no ocidente a partir de meados do século XIV, com o retorno do humanismo no Renascimento. Surgiu como um paradigma revolucionário, no sentido que questionava e se colocava como alternativa à concepção teocêntrica que vinha informando as práticas sociais naquele período. Com o passar dos séculos essa representação se consolidou, em especial a partir do século XVIII, com a ascensão da razão iluminista.

Um dos argumentos apresentados por Krenak é de que a hegemonia do modelo moderno nos faz esquecer de quem somos, no sentido da perda da conexão primordial entre nossos corpos de animais biológicos e a natureza, com seus ritmos e processos naturais. No lugar dessa conexão primeira, nos diz o pensador indígena, nos alienamos nas promessas e engenhos das grandes corporações que hoje dominam o mundo. Apoiando-se em outra importante liderança indígena, Krenak aponta que um dos efeitos da modernidade é o achatamento das diversas visões e experiências do mundo, em nome de uma representação única que o reduz a um recurso a ser transformado em mercadoria:

Como disse o pajé yanomami Davi Kopenawa, o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo o que está fora de nós. (KRENAK, 2019, p. 45).

Os brancos, chamados de “povo da mercadoria”, quando não lançados à pobreza pela desigualdade própria ao modelo capitalista, vão aos shoppings, consomem produtos e ficam cegos a como esse modelo de desenvolvimento afeta as coisas que estão ao nosso redor:

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Para que não fiquem pensando que estou inventando mais um mito, o do monstro corporativo, ele tem nome, endereço e até conta bancária. E que conta! São os donos da grana do planeta, e ganham mais a cada minuto, espalhando shoppings pelo mundo. Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo. Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. (KRENAK, 2019, p. 21-22).

“Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo...”. Certamente o pensador indígena se refere a universalização do modelo moderno como o único válido, uma prática de raízes coloniais. Ele nos diz, “precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania” .

Krenak tece uma crítica direta à modernidade como produtora de processos que não são essenciais com um custo ambiental altíssimo, ou seja, realmente precisamos de tudo o que conseguimos produzir ou essa produção em massa é apenas uma questão de ganância e vaidade? Seja como for, fato é que apenas poucos membros da espécie humana conseguem usufruir dos “avanços” modernos:

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (KRENAK, 2019, p. 14).

Mas afinal, “Somos mesmo uma humanidade?”, nos provoca o pensador indígena. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro nos auxilia na compreensão dos sentidos colocados em circulação por esse questionamento:

A pergunta que Ailton krenak dirige aos leitores neste livro é tão simples quanto inquietante: “Somos mesmo uma humanidade?” Ela é declinada com duas ênfases distintas: Somos mesmo uma humanidade (e não uma diversidade irreduzível de modos humanos de viver em sociedade)? E somos mesmo uma humanidade (e não uma rede inextricável de interdependências do humano e do não humano)? (CASTRO).

Vemos então o líder e articulador indígena problematizando dois aspectos centrais que operam juntos na configuração do mundo moderno: o colonialismo que recusa a diversidade cultural humana em nome da monocultura moderna, colocada como a única forma válida de existência humana nesta terra. E a recusa da rede de interdependências entre o humano e o não humano, substituída pela concepção de centralidade humana em relação aos outros seres e ao planeta. Estes, desprovidos

de significado na visão moderna, tornam-se apenas matéria morta para ser utilizada como recurso que se transformará em mercadoria e lucro para alguns poucos.

Marcando a diferença entre as diversas culturas, combatendo a tendência hegemônica que tenta universalizar/naturalizar o modelo moderno, Krenak traça uma distinção entre aqueles que operam pelo sucesso da modernidade colonial predatória e aqueles que resistem. O povo da mercadoria, esse grupo de modernos que se pensa universal e por isso no direito de subjugar as alteridades, integram o que ele chama de “clube da humanidade”. Num passe ilusionista, esse clube, um grupo humano que possui práticas e representações bastante específicas e com alto impacto no planeta, se coloca como sendo a própria humanidade.

Mas existem ainda aqueles que resistem ao desaparecimento, ao fim dos seus mundos. Grupos que (ainda) não foram triturados pela homogeneização moderna e que por isso não fazem parte do seleto clube da humanidade. Ao olhar moderno, são a “sub-humanidade”:

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, na beira dos oceanos, na África, na Ásia, ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. Ailton Krenak explica um pouco mais sobre esses grupos que, na visão de muitos, podem desaparecer em nome do “desenvolvimento” moderno:

Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra.” Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? (KRENAK, 2019, p. 21-22).

## **A HUMANIDADE QUE DESTRÓI A SI MESMA E AO PLANETA EM NOME DO DESENVOLVIMENTO**

Os saberes dos povos originários habilitam Krenak também como um ambientalista, um dos mais lidos da última década. Desde os anos 2000 que ele publica livros nessa pegada mais ambientalista, sempre criticando os estragos que trazemos ao planeta.

Deixando claro que o crescimento desenfreado é um abuso e desrespeito com a Terra, Krenak sugere que se mantivermos esse modelo de civilização em breve vamos viver em ambientes totalmente artificiais: “Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Essa distopia já foi projetada em algumas narrativas, como o filme animado chamado “O Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida” , um enredo em que as pessoas vivem em uma cidade artificial onde as árvores entraram em extinção.

Para Krenak, a ação humana sobre o planeta nos últimos séculos aproxima a humanidade (mais exato seria dizer o clube da humanidade) de um parasita, de uma praga, somos o único dos seres vivos cuja ação coloca em risco a vida de inúmeras espécies, inclusive a própria: “Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade – que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições – foram devastando tudo ao seu redor.

O homem se coloca no centro das coisas, mas não é bem assim, vivemos num mundo pelo qual somos responsáveis por cuidar e preservar. Mas na velocidade em que transformamos o nosso planeta atualmente avançando sobre os biomas naturais, nossos filhos num futuro não muito longínquo terão que lutar para conseguir um copo de água potável. O ser humano não vive sozinho no planeta, então não entendo por que pensamos e agimos sem nos preocuparmos com as consequências das nossas ações e como elas estão afetando a Terra.

Ele trata a Terra como um organismo vivo, que devemos respeitar e cuidar, tanto que ele relata a pandemia de COVID-19 como uma forma do planeta reagir a nossa ação predatória e lembrarmos que necessitamos dele acima de tudo para viver: “É incrível que esse vírus que está aí agora esteja atingindo só as pessoas. Foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer: ‘Respirem agora, quero ver’”.

O inesgotável desejo por lucros cada vez maiores e a nossa irresponsabilidade trouxeram esses problemas ambientais à nossa porta. Claro, existe resistência. Há, mundo afora, ONGs, grupos de ambientalistas e cientistas que procuram uma maneira de frear a degradação que promovemos ao ecossistema. Já existem avisos da comunidade científica que no ritmo em que avançamos, e sem a transição dos combustíveis fósseis para outros tipos de energia limpa, não vamos cumprir a meta do Acordo de Paris de 2015 de limitar em 1.5º graus o aquecimento global até 2100. Na verdade, com a demora para transição energética e sem a desaceleração do sistema produtivo (destrutivo), é provável que o limite seja rompido já em 2050 . Isso gerará transtornos e catástrofes imensas que farão com que percebamos o quão ingênuos e irresponsáveis fomos. Krenak ressalta que somente ações individuais são insuficientes para enfrentar um problema que é sistêmico, causado por um modelo de civilização:

O que estou tentando dizer é que a minha escolha pessoal de parar de derrubar a floresta não é capaz de anular o fato de que as florestas do planeta estão sendo devastadas. Minha decisão de não usar automóvel e combustível fóssil, de não consumir nada que aumente o aquecimento global, não muda o fato de que estamos derretendo. E, quando alcançarmos mais um grau e meio de temperatura no planeta, muitas espécies morrerão antes de nós. (KRENAK, 2020, p. 26).

Bom, acredito que depois de todos os fatos que foram expostos consegui deixar bem claro que nos colocamos como centro de tudo e esquecemos que ainda fazemos parte de um ecossistema integrado, que mesmo nos fazendo de desentendidos ainda precisamos do planeta e de tudo que nele há para nossa sobrevivência, porque ao contrário do que pessoas como Elon Musk diz, ainda não podemos morar em outros planetas e mesmo se pudéssemos faríamos com esse “novo lar” o mesmo que estamos fazendo com a Terra atualmente. Então devemos é

mudar nosso jeito de pensar e agir, esquecer essa ideia de que somos os seres dominantes no planeta. Não dominamos nada e essa pandemia do coronavírus serviu muito bem para nos lembrar que ainda necessitamos do ecossistema que tanto desprezamos.

O povo krenak tem uma relação com a natureza que nós, que vivemos nas cidades, nunca teremos. Para eles, todos os aspectos da natureza estão intrinsecamente ligados à vida e vice-versa. Em um dos episódios do programa *Conversa com Bial*, da Rede Globo, que foi ao ar em abril de 2022, o entrevistado do dia foi Ailton Krenak. Nesse encontro de alteridades, fica evidente a ligação que Ailton e sua aldeia têm com a natureza e o rio Doce que circunda as terras da aldeia krenak. Logo no início da conversa, o apresentador Pedro Bial pergunta o porquê de Ailton Krenak não ter seguido carreira política, depois do grande destaque que teve por sua atuação na constituinte. Ailton, de forma amistosa, deslocando-se da ideia do rio como um recurso, diz que isso não seria vantajoso, já que o que ele tem naquele lugar é incomparável:

Esse corpo d'água fazendo espelho aqui pra gente ele é incomparável com qualquer paisagem né, a gente estava comentando aqui que a qualidade da água ficou temporariamente imprópria para o uso humano, mas ele não se limita a esse uso humano né, ele tem essa maravilha, para mim a água é uma entidade e não um recurso. Ai quando eu ouço falar que a água é um recurso natural eu penso, ainda não entenderam nada, e ele tem uma função maravilhosa que dispensa o nosso senso de utilidade, e mesmo que a gente não use nada do corpo da água ele está fazendo um serviço essencial para o planeta e para outros seres também que nós não sabemos reconhecer . (KRENAK apud BIAL, 2022).

## LAMA... GANÂNCIA E DESASTRE!!!

No dia 5 de novembro de 2023 completaram-se oito anos desde a tragédia na barragem de Fundão na cidade mineira de Mariana, onde uma barragem de rejeitos de minérios do grupo de mineração da Vale se rompeu gerando uma avalanche de lama tóxica. O estouro da barragem deixou mortos, vários feridos e dezenas de pessoas desabrigadas. Afetou também várias espécies animais e vegetais, que ficaram sem seu ecossistema para reprodução. A lama de rejeitos chegou até o litoral, contaminando as águas do oceano Atlântico. A tragédia se tornou o maior desastre ambiental do país.

A enxurrada de lama tóxica causou vários problemas ambientais e sociais por onde passou. De acordo com a Defesa Civil de Minas Gerais, pelo menos 35 municípios foram afetados, e mais quatro no Espírito Santo. O desastre contaminou os rios Doce, Gualaxo do Norte e Carmo, contaminando as águas num percurso de 663 km até a sua foz, como indica um estudo sobre a tragédia:

Do ponto de vista ambiental, a lama proveniente do rompimento destruiu vilarejos, percorreu 663 km ao longo dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce, chegando à sua foz, tendo afetado esse ecossistema, área de reprodução de várias espécies animais. Afetou, também, a vida de 35 municípios em Minas Gerais e quatro no Espírito Santo (ES), deixando cerca de 1,2 milhões de pessoas sem água". (LACAZ, 2016. P. 2).

Os autores trabalham a questão de que esse acontecimento poderia ter sido evitado, o primeiro subtítulo do artigo já deixa bem claro isso: "A Mega mineração como Tragédia Anunciada". Os autores recorrem há alguns acidentes que aconteceram no início do século XX e que as grandes mineradoras nem sequer se mexeram.

As consequências não ficaram somente nas pessoas desabrigadas, órgãos de estado como a Embrapa levantaram dados que relatam que a terra atingida pela lama está imprópria para atividades agropecuárias. Grandes áreas de terras foram atingidas e com elas diversas comunidades, não só cidades, mas também as terras indígenas como os Krenak em Minas, e os Guarani e os Tupiniquim no Espírito Santo.

Pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais revelou que área de 1.430 hectares atingida pela lama não tem mais condições para o desenvolvimento de atividades agropecuárias: a camada de lama depositada impede a fertilidade do solo e necessitará de muitos anos de investimento para recuperação. Além de violar direitos de trabalhadores, agricultores e pescadores, a tragédia atingiu terras indígenas Krenak (MG), Tupiniquim (ES) e Guarani (ES), ferindo a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho sobre Povos Indígenas e Tribais; (LACAZ, 2016, p. 2).

A atividade de mineração é um setor que cresce muito seguido por quedas abruptas, mas ainda assim se trata de uma atividade altamente lucrativa, o Brasil é líder no seguimento de exportação de minério de ferro, exclusivamente o método de mineração utilizado no Brasil é amplamente copiado por outros países emergentes.

Atividade mineradora é uma atividade extremamente invasiva, durante essas atividades grandes porções de terra são desapropriadas, com impactos em terras indígenas, quilombolas, comunidades ribeirinhas, até mesmo as infraestruturas de transporte causam danos.

...com impactos em vastos territórios, ecossistemas, comunidades, agricultores, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e pescadores. Não são apenas as minas e usinas de beneficiamento que geram impactos, há várias infraestruturas de transporte com circulação de caminhões e trens que causam danos a animais e seres humanos; além de minerodutos que consomem quantidades enormes de água, para levar o minério aos portos exportadores.

Vemos que nem só quando há desastres, como os rompimentos de barragens, a mineração causa danos à natureza. Em todo o processo, desde a escavação até chegar aos portos para exportação, há sempre degradação ambiental. Inclusive esse desrespeito com o meio ambiente e com as comunidades circundantes à região de mineração, se faz presente por causa da ganância dos políticos, das autoridades que trabalham nos órgãos de fiscalização e gestão ambiental e demais agentes de concessão de autorização para exercer tal atividade:

...são pressionados por políticos e gestores como no caso de Mariana, os quais, em nome do crescimento econômico, defendem a importância do empreendimento e a rapidez do licenciamento, preocupados com os benefícios econômicos e políticos decorrentes do aumento do produto interno bruto e dos royalties. (LACAZ, 2016, p. 5).

O homem da mercadoria sempre movido pelos seus negócios. No trecho acima fica claro que o lucro continua sendo colocado em primeiro lugar. A necessidade de acumular capital pelas grandes corporações e seus agentes no estado não leva em conta problemas que serão causados à população humana e de outras espécies na área ao redor. Porém, nos lembra Krenak, não comemos dinheiro. “Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro” .

Ou seja, essa preocupação com lucros cada vez maiores sem preocuparmos em como estamos tratando a natureza e quando tudo o que dizemos ser apenas recurso natural acabar, veremos o quanto fomos ignorantes e arrogantes, mas aí será tarde demais, não teremos o que comer e nem como sobreviver e teremos sido responsáveis pelo nosso próprio desaparecimento. “A Terra tem o suficiente para todas as nossas necessidades. Mas, se você quiser uma casa na praia, um apartamento na cidade e um Mercedes-Benz, não tem para todo mundo” .

Oito anos depois do desastre, o que se pode perceber é o sentimento de impunidade, pois mesmo depois de tanto tempo ainda não há de fato nenhuma grande punição sofrida pela empresa Vale ou qualquer um de seus diretores, cerca de 700 mil pessoas atingidas seguem lutando na corte inglesa pelas indenizações que lhes seriam de direito , sem falar que a natureza levará décadas para se recuperar.

## CONCLUSÃO: UM ANCIÃO EM COMA!!!

Um dos principais impactos ambientais causado pelo rompimento da barragem foi a contaminação do rio Doce, um importante afluente mineiro que banha vários municípios. Ele é ainda de vital importância para a aldeia krenak, que se localiza no médio rio doce, local que para eles é mais do que meramente um recurso natural. Na entrevista citada com Pedro Bial, Krenak ressalta como o rio não é apenas um curso d'água de onde retiram água, trata-se de um ser vivo, de um parente com poder de cura na sua tradição: “ao banhar as crianças krenak ainda pequenas nas águas do rio era como se as vacinassem, e ali elas estivessem protegidas” (KRENAK *apud* BIAL, 2022).

Os krenak tem uma proximidade com a natureza que nós que moramos na cidade dificilmente entenderemos, trata-se de algo da cosmovisão dos krenak, ou seja, da forma como eles representam o mundo. Na verdade, é mais que uma relação de proximidade com a natureza, já que não existe para eles essa separação: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” .

Ao se levantarem pela manhã, os krenak analisam a paisagem ao seu redor para saberem como será o dia, se será bom ou ruim, isso tudo faz parte de uma compreensão de que somos apenas mais uma espécie ligada à Terra e que precisamos dela para sobreviver:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplendida, bonita, com nuvens claras sobrevoando sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”. (KRENAK *apud* BIAL, 2022).

Ao narrar essa maneira em que humanos e não humanos habitam juntos a nossa grande casa comum, Ailton questiona: “Por que essas narrativas não nos

entusiasmo? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para gente?” .

Finalmente, gostaria de concluir com uma passagem que, me parece, resume bem a concepção de mundo desse grande pensador brasileiro que é Ailton Krenak:

Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vive-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (KRENAK, 2020. p. 32-33).

Modernidade na perspectiva de Ailton Krenak:  
“O caso de Mariana”

Imagem 1: Watu antes do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, em 2015.



Fonte: Original Experience, parque do rio Doce, s/d.

Imagem 2: Watu em coma, após o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, em 2015.



Fonte: Ecoa, 20/07/2016.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de História” in **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

BYINGTON, Elisa. **O Projeto do Renascimento**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009.

CASTRO, Eduardo Viveiros. “Posfácio: Perguntas Inquietantes” in KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019,

KRENAK, Ailton, **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019. KRENAK, Ailton, *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LACAZ, Francisco Antônio de Castro. **Tragédias brasileiras contemporâneas: o caso do rompimento da barragem de rejeitos de Fundão/Samarco**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, p. 1-12, 24 nov. 2016.

IORIS, Antônio. “Resenha: Ideias para adiar o fim do mundo” in **Amazônia Latitude**, 17/12/2019. Disponível em: <  
<https://www.amazonialatitude.com/2019/12/17/resenha-ideias-para-adiar-ofim-do-mundo/> >.

**IPCC, 2021: Climate Change 2021: The Physical Science Basis**. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S.L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M.I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T.K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu, and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA, 2391 pp.

OUTRAM, Dorinda. **O Iluminismo**. Lisboa: Temas e debates, 1995.

## FONTES

“Qual é a origem da humanidade segundo a ciência” in National Geographic, 21/12/2022. Disponível em:  
<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/12/qual-e-a-origemda-humanidade-segundo-a-ciencia>

Verbete “Krenak” in **Povos Indígenas do Brasil**, s/d.

Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krenak>

Modernidade na perspectiva de Ailton Krenak:  
“O caso de Mariana”

“Entrevista com Ailton Krenak in “Conversa com Bial”, YouTube, 19/04/2022.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzmMgRkGc8Q&t=39s>

“Oito anos depois, vítimas de Mariana ainda lutam por Justiça ao redor do mundo” in  
**Consultor Jurídico**, 05/11/2023

Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2023-nov-05/jose-eduardo-cardozo-oito-anosdepois-vitimas-mariana-ainda-lutam/>

“**Original Experience, parque do rio Doce**”, s/d. Disponível em: <  
<https://originalexperience.com.br/parque-estadual-do-rio-doce/>>.

“Rio Doce: a negligência com a bacia hidrográfica é histórica. Entrevista especial com Fabiano de Melo” in ECOA, 20/07/2016.

“**O Lorax: em busca da Trúfula Perdida**”, 2012.

*O autor*

**WESLEY DOMINGOS ALVES DE OLIVEIRA**

Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás, suas pesquisas seguem a área da História Social, História do Brasil, História Contemporânea e História Política.



Editora  
**MultiAtual**

ISBN 978-656009054-5



9 786560 090545